



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

da Cruz Colombo, Maria Alzira

A relação da congregação de Notre Dame de Sion com seu carisma: do antissemitismo
teológico a uma relação de estima e respeito para com os judeus

Revista Brasileira de História de Educação, vol. 15, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015,
pp. 141-166

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161036006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A relação da congregação de Notre Dame de Sion com seu carisma: do antissemitismo teológico a uma relação de estima e respeito para com os judeus

Maria Alzira da Cruz Colombo*

Resumo:

Théodore Ratisbonne, judeu fundador da congregação de Notre-Dame de Sion, e seu irmão, Alphonse, integram a vaga de conversões na Alsácia no século XIX.-Historicamente, o carisma de Sion atravessou três períodos distintos: a) os padres adotam uma linha conversionista até 1925, e as irmãs, até 1961; b) desde 1946, sua missão é pensada em termos de estima e reconciliação; c) a partir do Concílio Vaticano II, as irmãs se inscrevem na busca de conhecimento recíproco e de diálogo. Os padres só reconhecem as implicações teológico-apostólicas da atitude de estima para a relação judaico-cristã em 1970.

Palavras-chave:

Notre-Dame de Sion; padres; irmãs; carisma; relação judaico-cristã.

* Colégio Nossa Senhora de Sion - São Paulo - SP

La relación de la congregación de Notre-Dame de Sion con su carisma: del antisemitismo teológico a una relación de estima y respeto a los judíos

Maria Alzira da Cruz Colombo

Resumen:

Théodore Ratisbonne, judío que fundó la congregación de Notre-Dame de Sion, y su hermano, Alphonse, integran la vaga de conversiones en la Alsacia del siglo XIX. Históricamente, el carisma de Sion atravesó tres períodos distintos: a) los padres adoptan una línea conversionista hasta 1925, y las hermanas, hasta 1961; b) Desde 1946, su misión es pensada en términos de estima y reconciliación; c) a partir del Concilio Vaticano II, las hermanas se inscriben en una búsqueda de conocimiento recíproco y de diálogo. Los padres solo reconocen las implicaciones teológico-apostólicas de la actitud de estima para la relación judaico-cristiana en 1970.

Palabras clave:

Notre-Dame de Sion; padres; hermanas; carisma; relación judaico-cristiana.

The relationship of the congregation of Notre Dame of Sion with its charisma: from the theological anti-Semitism to a relationship of esteem and respect to the Jews

Maria Alzira da Cruz Colombo

Abstract:

Théodore Ratisbonne, the Jew who founded the congregation of Our Lady of Sion, and his brother Alphonse, worked with the conversion drive in Alsacia, in the XIXth century-The charisma covers three periods: a) the fathers adopt a conversional approach up to 1925, the sisters, up to 1961; b) Since 1946, the mission regarding Israel is about esteem and reconciliation; c) From the Second Vatican Council on, sisters' congregations start to search for mutual knowledge and dialogue. The priests only acknowledge the theological and apostolic implications of the esteem attitude to the jewish-christian relationship in 1970.

Keywords:

Our Lady of Sion; priests; sisters; charisma; jewish-christian relationship.

Introdução

A originalidade da congregação de Notre-Dame de Sion no contexto francês

A originalidade da congregação de Notre-Dame de Sion de origem francesa, inicia-se com seus próprios fundadores, Théodore e Alphonse Ratisbonne, ambos de origem judia, convertidos ao cristianismo. Originários de uma família alsaciana, eles eram, por parte de mãe, bisnetos de Théodore Cerf-Berr (1726-1794), personalidade judaica de grande projeção na região de Alsácia e Lorena, que se notabilizou como um dos líderes locais da luta pelos direitos civis e políticos dos judeus e se empenhou pela emancipação de seu povo, decretada após sua morte, em 27 de setembro de 1791 (MONDÉSERT, 1956).

A França é conhecida historicamente como pioneira no reconhecimento dos direitos civis e políticos dos judeus na Europa Ocidental, permitindo que estes se assimilassem à população local. Antes da Revolução Francesa, o país contava com cerca de 40.000 judeus agrupados em pequenas comunidades nas províncias onde eram tolerados (DELPECH, 1983). Mas, até essa data, suas condições de vida variavam de região para região e, além disso, eles não possuíam nenhuma igualdade de direitos, sendo geralmente pobres e pouco instruídos. Quatro grandes personalidades começaram então a sobressair: o alsaciano Cerf-Berr, bisavô dos irmãos Ratisbonne; Berr Isaac Berr, deputado e representante de Nancy na Assembleia; David II Gradis (1742-1811), síndico dos judeus de Bordeaux, presidente da comissão encarregada de examinar a situação dos judeus na França; e Abraham Furtado (1756-1817), comerciante e armador que, em 1788, fez parte da comissão destinada a elaborar um estatuto único para os judeus da França. Sempre procurando estabelecer relações aceitáveis com as autoridades locais, eles aproveitavam cada ocasião para defender suas respectivas comunidades e obter algumas concessões.

A França não possuía então um grande contingente de judeus, se comparada aos demais países europeus, como mostra a Tabela I abaixo:

Tabela I - Número de judeus na Europa de 1804 a 1814

Europa	Nº de judeus
França	43.900
Hungria	80.000
Prússia	200.000
Galícia	300.000
Rússia	1.000.000

Fonte: Delpech (1983, p. 66).

No entanto, às vésperas da revolução, a opinião pública francesa era mal-informada a respeito dos judeus e a maioria dos habitantes não só não sabia grande coisa sobre eles como tampouco se interessava por eles (DELPECH, 1983). No entanto, apesar de não os conhecer, o povo francês tinha um sentimento antissemita. Durante a França do Primeiro Império (1804-1814), a situação permaneceu estável apesar de um ligeiro aumento número de judeus no país. A Tabela II abaixo mostra sua distribuição pelas diferentes regiões francesas. Merece destaque sua concentração na região da Alsácia, onde viviam praticamente 80% dos judeus instalados na França.

Tabela II – Número de judeus na França, segundo as regiões durante o Primeiro Império (1804-1814)

Localidades	Número de judeus	Porcentagem
Alsácia	25.000	56,94%
Lorena	10.000	22,78%
Paris	2.700	6,15%
Sudoeste	3.700	8,43%
Sudeste	2.500	5,70%
França	43.900	100,00%

Fonte: Delpech (1983, p. 66).

Como imperador, Napoleão I procurou integrar os judeus na sociedade francesa (DELPECH, 1983), embora possuísse deles uma ideia deformada e apesar de sua inquietação com a participação de numerosos judeus oriundos da Alsácia na prática da usura. Sua preocupação com o judaísmo foi feita em função de sua tentativa de reorganizar a relação entre o Estado e as diferentes religiões.

O início de processo de integração dos judeus na França ocorreu na metade do século XIX. No início do século XX, já estavam "[...] perfeitamente integrados, salvo exceções, junto à pequena e média burguesia, da qual em nada se diferenciavam" (DELPECH, 1983, p. 109-110). Os preconceitos contra os judeus permaneceram, no entanto, vivos, na maior parte da Europa e o antissemitismo revestiu uma nova roupagem, mais política.

Os irmãos Ratisbonne

É nesse contexto que viverá o bisneto homônimo de Cerf-Berr, Théodore Ratisbonne. Nascido em Estrasburgo em 28 de dezembro de 1802, foi “[...] criado mais nas tradições e costumes judaicos do que na religião” (DELPECH, 1983, p. 341). Auguste Ratisbonne, seu pai, era presidente do Consistório e devotado às obras assistenciais da comunidade judaica, entre as quais uma primeira escola para meninos, início de uma futura rede escolar. Sua prática religiosa era superficial e, assim, ele não deu educação religiosa a seus filhos, o que contribuiria para que Théodore não fosse plenamente judeu no sentido religioso da palavra.

Théodore Ratisbonne seguiu o itinerário de um jovem francês de seu tempo. Fez boa parte do curso secundário no *Collège Royal* de Estrasburgo, estabelecimento de excelente reputação, dirigido pelos Jesuítas, e terminou seu curso num internato destinado às elites em Frankfurt, na Alemanha, onde constituiu importante capital social. Matriculou-se em seguida na Faculdade de Direito de Paris e, após ter concluído esse curso universitário, dedicou-se a estudos de medicina que não levou a termo. Era uma pessoa instruída, que gostava muito de ler e, sobretudo, de viajar (DELPECH, 1983). Personalidade inquieta, de quem alguns autores dizem que sofreu do *mal du siècle*, ao modo típico dos românticos, passou a procurar com os filósofos a Verdade que desse sentido à sua vida. Em certo momento de sua busca, ele exclamou: “Ó Deus, se realmente existes, faz-me conhecer a Verdade e, de antemão, juro consagrar-lhe minha vida” (RATISBONNE, 1977, p. 24).

Théodore adquirira alguma experiência na área educacional ao ser nomeado, por seu pai, diretor da rede de escolas judaicas para meninos, em Estrasburgo. Ocupando-se da educação dos filhos de seu povo, pôde examinar de perto os problemas religiosos e morais que emergiam quando os israelitas estavam mergulhados numa população cristã. O judaísmo, nessa época, era visto, por parte dos judeus alsacianos, como uma religião envelhecida, incompatível com o modelo francês, na medida em que não se prestava a acompanhar a conjuntura da modernidade — o que ajuda a explicar a vaga de conversões que atingiu a Alsácia no século XIX. Apesar de quantitativamente pouco numerosas, tais conversões possuíam um significado estratégico, na medida em que atingiam, sobretudo, jovens de boas famílias, com curso universitário, destinados a um futuro brilhante, como Isidore Goshler (1827¹). Alguns deles eram mesmo parentes de personalidades alsacianas, como Théodore (1827) e Alphonse Ratisbonne (1842), ou filhos de rabinos, como Jacob Libermann (1826). —Nesse contexto, era comum que os judeus convertidos, que tinham vivenciado a vaga antissemita, adotassem uma atitude prosélita. Em um opúsculo, Drach (1825, p. 12) explica as razões de sua própria conversão e conclama ‘seus irmãos israelitas’ a adotar o catolicismo:

Vós tendes que observar que a Igreja adora apenas o Deus de Abraão e de Isaac, do qual a Sinagoga perdeu a verdadeira noção, o Deus da unidade mais perfeita em sua essência. Ao tentar persuadir-vos que o dogma da Santíssima Trindade constitui um politeísmo, os rabinos caluniam a religião cristã para que vos afasteis dela. A Divindade uni-ternária que a Igreja adora é a mesma que Moisés anunciou nesse versículo do Deuteronômio onde ele exprime ao mesmo tempo a unidade e a trindade.

Não é de se estranhar, portanto, que os irmãos Ratisbonne se consagrassem à salvação de seus irmãos judeus.

Nessa época, os seminários que formavam os padres católicos lhes transmitiam a posição cristã tradicional, o antissemitismo teológico, oriundo da teologia da substituição², segundo a qual, os judeus eram enfaticamente acusados de deicídio, de terem sido os responsáveis pela morte de Cristo. O processo de secularização das sociedades europeias fez

¹ Os números entre parênteses correspondem à data de sua conversão ao catolicismo.

² A teologia da substituição preconiza que a Igreja de Cristo teria substituído Israel na mensagem bíblica.

com que se estabelecesse uma diferença entre antijudaísmo e antissemitismo. Questões religiosas, como o deicídio, perderam importância; os judeus passaram, antes, a ser vistos como membros de um grupo étnico específico e os preconceitos, estereótipos e representações de raízes religiosas passaram a fundar-se em fatores sociais, econômicos e políticos (LUZ, 2006).

Os diferentes papas tinham posições contraditórias a respeito dos judeus. Eles condenavam por vezes as perseguições, protegendo-os como o povo-testemunha da grandeza de Deus, mas também os consideraram objeto da cólera divina. Eles pensavam que era “[...] preciso manter [os judeus] numa situação humilhante [...]: Leão XII restabelece o gueto [nos Estados pontifícios], já Pio IX aceita sua supressão, não reconhece o proselitismo e se mostra menos exigente na escolha dos meios” (DELPECH, 1983, p. 329). No entanto, foi em 1858, sob esse último papa, que se desenrolou o caso Mortara³.

Como tantos outros judeus alsacianos da época, Théodore se aproximou gradualmente do cristianismo após frequentar o curso de filosofia, dado por Louis Bautain⁴. Ele se converteu e solicitou o batismo em 14 de abril de 1827. Aos 25 anos de idade, ao afastar-se da sinagoga e do judaísmo, ele provocou uma profunda ruptura e grande sofrimento no seio de sua família. Seu irmão, Alphonse Ratisbonne, que, nessa época, era apenas um adolescente, de temperamento alegre e jovial, foi profundamente afetado pela conversão de Théodore. No entanto, ele, que se tornara, ao crescer, um livre pensador hostil a toda forma de religião, acabou também se convertendo ao catolicismo. Atribuída a uma aparição milagrosa da Virgem na Igreja de Sant’Andrea Delle Fratte, “[...] a conversão de seu irmão em Roma, em 20 de janeiro de 1842 foi para Théodore uma grande surpresa” (MONDÉSERT, 1956, p. 19).

Dez dias após a aparição, em 31 de janeiro, Alphonse Ratisbonne solicitou o batismo e fez-se noviço jesuíta apenas alguns meses mais tarde. Passou seis anos na Companhia de Jesus, preparando-se para o sacerdócio,

³ Edgardo Mortara (Bolonha, 1851-Bressoux, 1940) foi um menino judeu, de seis anos, nascido em Bolonha, dentro dos Estados pontifícios na Itália, que, depois de ser batizado por sua babá, foi raptado de sua família judia em 1858 sob o pretexto de que esta não o criaria na religião católica.

⁴ Professor de filosofia que reatou com o cristianismo sob a influência da educadora católica Louise Humann.

que lhe foi conferido em 23 de setembro de 1848. Alphonse interpretou a aparição da Virgem como um sinal indubitável dos desígnios de Deus para com o povo judeu, como um apelo para que se consagrasse à conversão desse povo. Assim, com o consentimento do papa Pio IX e de seus superiores, ele se desligou da ordem dos jesuítas e foi trabalhar com seu irmão, colaborando, em 1852, para a fundação do ramo masculino da congregação de Notre-Dame de Sion, ‘cuja razão de ser é Israel’ (QUEIROZ, 1934). O apoio de seu irmão fez com que Théodore Ratisbonne já não se sentisse isolado, podia este partilhar com aquele os mesmos objetivos no trabalho de conversão do povo de Israel.

A congregação de Notre-Dame de Sion é, na verdade, a única congregação católica na história da igreja encarregada de se ocupar da conversão dos judeus — missão essa que a própria igreja confirmou várias vezes (DELPECH, 1983). Desde 1843, quando fundou o ramo feminino da congregação, Théodore lhe atribuiu o carisma de trabalhar para a conversão do povo judeu. O texto que instituiu a congregação de Sion diz que ela “[...] foi fundada para testemunhar, na igreja e no mundo, da fidelidade de Deus a seu amor pelo povo judeu e para trabalhar para o cumprimento das promessas bíblicas, reveladas aos patriarcas e aos profetas de Israel, para toda a humanidade” (CONSTITUIÇÕES 2, 1984). O ramo masculino surgiria cerca de dez anos mais tarde ‘com a mesma finalidade’ (DEVAUX, 2009, p. 1). Melhor dizendo, ambos os ramos possuíam o mesmo carisma, mas suas funções eram bastante distintas, pelas restrições impostas às mulheres pela Igreja Católica nessa época. Por viverem num regime de semiclausura e experimentarem outras restrições próprias ao sexo, as irmãs de Sion se restringiam a uma participação indireta no carisma congregacional, ou seja, ficavam reduzidas a orar pela conversão do povo judeu. Já os padres tinham a missão de ‘ir até os judeus’ para suscitar ativamente conversões e poderiam ministrar os sacramentos que as confirmavam. Prova disso são os “[...] 373 batismos a judeus e 13 a não-judeus [...]” (DELPECH, 1983, p. 354), conferidos entre 1843 e 1882 pelos padres Ratisbonne e por alguns padres que orbitavam ao redor de Sion. Eis porque Théodore se empenhou em fundar a congregação masculina, pois considerava que a obra feminina “[...] estaria incompleta sem a existência dos padres” (ARON, 1936, p. 89).

Mas, afinal de contas, o que é o carisma?

Basicamente, a conceituação de carisma corresponde aos aspectos específicos que assumem as vidas consagradas à igreja. Embora não se

reduza a isso, ele imprime aos membros das ordens e congregações um estilo peculiar de apostolado e santificação e estabelece uma tradição oriunda de seu(s) fundador(es) que marca cada uma dessas instituições ou a família à qual ela pertence. O carisma indica assim a índole própria de cada congregação, seu próprio espírito, caráter, finalidade e tradição (GRIESE, 2013). Embora o termo tenha sido criado por São Paulo, foi utilizado pela primeira vez por Paulo VI, em 1971, "[...] na exortação apostólica *Evangelica testificatio* [...]", em que ele insiste particularmente na obrigação que os membros das congregações têm com relação à identidade que lhes foi outorgada, de ser "[...] fiéis ao espírito de seus fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo da sua santidade" (ROMANO, 2000, p. 151). O carisma dos membros de cada instituição é "[...] realmente comunicado pelo fundador que, com seu exemplo e sua vida, arrasta e convence os demais a segui-lo" (ROCCA, 1998, p. 75). No entanto, o termo carisma só será oficialmente definido pela igreja no documento *Mutuae Relationes* (VATICANO, 1978):

O próprio carisma dos fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento. [...] Querer se realizar fora dos marcos de fidelidade à intuição criadora de uma congregação seria um desvio.

Assim, a igreja protege, apoia e vela pela manutenção da índole própria dos diversos institutos religiosos. Segundo o decreto *Perfectae Caritatis*, do Concílio Vaticano II (1965), "[...] reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores, bem como as suas tradições que constituem o patrimônio de cada Instituto".

Outrossim, o carisma não se mantém na história como o faz um patrimônio de ideias, de valores, de experiências. Aquele é algo complexo e dinâmico. Pode-se compará-lo ao código genético da congregação, porque engloba o passado, o presente e o futuro de seu patrimônio espiritual. Por isso, o carisma está em constante transformação (SICARI, 2002). É justamente esse aspecto dinâmico do carisma da congregação de Notre-Dame de Sion que este artigo pretende mostrar.

Origem e prática inicial do carisma de Notre-Dame de Sion

O apostolado em direção à conversão dos judeus, preconizado pelo Pe. Théodore Ratisbonne, foi inicialmente posto em prática por meio da ação da viúva Sophie Stouhlen e da Srta Louise Weywada, duas senhoras da sociedade de Estrasburgo que já trabalhavam na educação de meninas, pois eram filiadas às *Dames de Saint Louis*⁵. A conversão dos judeus não as interessava de modo particular, mas, como seu diretor de consciência, Théodore exercia sobre elas grande ascendência. Assim, ambas cederam aos incessantes apelos dele para vir trabalhar na obra de Sion em Paris que, em seus primórdios, buscava dar educação cristã às crianças israelitas que lhe fossem confiadas.

Em 8 de agosto de 1842, o padre Ratisbonne recebeu uma carta do padre Aladel, procurador dos Lazaristas, pedindo que acolhesse duas jovens israelitas, com o consentimento da mãe agonizante (QUEIROZ, 1934). Tratava-se de Élise (14 anos) e Céléstine (11 anos), filhas da Sra. Wümser, que Théodore convertera recentemente ao catolicismo. Ao ser batizada pelo padre Théodore, Élise recebeu o nome de Alphonsine e tornou-se a primeira noviça da Congregação de Sion. Foi em seguida mestra de noviças durante quase 30 anos. Sua irmã seguiu seus passos e também ingressou nessa congregação. As duas jovens foram provisoriamente colocadas na Providência, vasto orfanato de moças, localizado na *Rue Plumet*⁶ e dirigido pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, que abrigava cerca de 300 jovens, onde Théodore exercia benevolmente a função de capelão. Em uma de suas cartas a Sophie Stouhlen (3 de novembro de 1841), ele diz:

Todas aquelas pobres órfãs eram para mim como filhas. Fiz delas minha família e tive para com elas solitudes de pai e de pastor. [...] Ouço um grande número delas em confissão, prego para todas de vez em quando, cuido das doentinhas (MARIE CARMELLE, 1977, p. 14).

O ano de 1842 fora, de fato, o ano dos sinais para o Pe. Ratisbonne. Embora se sentisse bem na Providência, ainda não realizava plenamente ali sua vocação profunda. “Eu tinha então pouco mais de quarenta anos e

⁵ Grupo de senhoras, constituído por Louise Humann em Estrasburgo, que se ocupava das escolas locais.

⁶ Hoje rue Oudinot, no 7º *arrondissement* de Paris.

já não entrevia nenhum meio de seguir minha invencível inclinação de trabalhar para a conversão do povo de Israel” (RATISBONNE, 1977, p. 221).

Em dezembro de 1842, o orfanato da Providência recebeu duas outras catecúmenas, Sophie Marx Meyer e Émilie Simon. No início de 1843, juntaram-se às primeiras, Eugénie Marx Meyer, em 19 de março; e Emma Frank e suas duas irmãs, Adrienne e Amélie, em 14 de abril. No dia 1º de maio, sete das oito catecúmenas foram batizadas por Mons. Denis-Augustin, arcebispo de Paris.

Sophie Stouhlen e Louise Weywada chegaram a Paris no dia 5 de setembro de 1843 e se instalaram na *Rue Plumet* nº 4bis. A comunidade de senhoras dedicadas a essa obra foi se constituindo gradualmente com a adesão de outras jovens, como Rose Valentin e Flore Doutrelepont, de quem Théodore era igualmente diretor espiritual. O número de catecúmenas aumentou para 19 e continuou crescendo. A educação que aí era ministrada adquiriu rapidamente boa reputação, e a demanda para que se separassem do orfanato, recebendo alunas de outras classes sociais, deu origem à fundação de um internato pago para meninas de classes mais elevadas, cujas mensalidades contribuiriam para a educação das meninas mais pobres. Em seu diário, Mme. Stouhlen escreve: "Em 1846, três anos mais tarde, há 30 alunas no internato e 80 externas" (ARON, 1936, p. 63). Tornou-se necessária a mudança para instalações mais amplas, uma casa na *Rue du Regard* nº 9-11, que foi posteriormente consagrada pelo Pe. Théodore Ratisbonne, sob a égide de Notre-Dame de Sion (COLOMBO, 2013). Segundo Aron (1936, p. 80-81), apesar do carisma congregacional, "[...] as Damas de Sion se devotando à educação [...]", seus internatos eram "[...] adotados pouco a pouco pela sociedade mais distinta e as irmãs foram levadas, era fatal, a se dirigir às famílias da alta sociedade e a se afastar do primeiro objetivo das fundações de origem, destinadas de preferência às crianças pobres e abandonadas".

Em 15 de janeiro de 1847, um breve apostólico do papa Pio IX reconheceu oficialmente a ‘comunidade de senhoras regularmente estabelecidas em Paris, sob a proteção de Notre-Dame de Sion’. Sion se tornou assim uma congregação de direito pontifício, submetida diretamente à Congregação da Propagação da fé, o que veio facilitar sua expansão internacional. Mas ela já começara a se difundir na França desde julho de 1850, quando três religiosas desembarcaram na pequena estação ferroviária de Évry e se estabeleceram em Grandbourg, numa vasta

propriedade doada pelo Sr. Revenaz. Elas inauguraram dessa forma o segundo internato de Notre-Dame de Sion, situado na região Île de France, ao sul da aglomeração parisiense, associado a ateliês para as alunas mais pobres. Em 1853, o estabelecimento de Paris se transferiu para a *rue Notre-Dame des Champs* (6º *arrondissement*), "[...] no local da antiga cartuxa de Notre-Dame de Vauvert" (ARON, 1936, p. 64), prédio onde também veio se instalar a casa matriz da congregação feminina. Seu reconhecimento oficial pelo Conselho de Estado francês ocorre em 1856, mas Roma só aprovaria definitivamente a congregação feminina de Notre-Dame de Sion em 14 de dezembro de 1874 (ARON, 1936). O internato de Grandbourg continuou a se desenvolver sob as belas folhagens do parque, com a ajuda da Srta. Lucie Revenaz, filha do doador do terreno (ARON, 1936). No entanto, as obras destinadas aos judeus se reduziram a dois externatos, Saint Michel e Saint Anne, ambos situados no bairro judeu do Marais, na *rue Michel LeComte* e na *rue Pástorelle*, no 3º. *arrondissement* de Paris. As irmãs de Sion aceitaram dirigir esses colégios já existentes por sugestão do abade Annat, cura de Saint-Merri, que desejava "[...] fornecer às crianças de classe média de sua paróquia os benefícios da educação cristã" (ARON, 1936, p. 82). A partir de 1860, "[...] as pensões elegantes, os grandes internatos de alunas selecionadas [...]" (BÉNÉDICTA, 1905, v. I, p. 480-481) se espalhariam pelo mundo⁷. Os sucessivos colégios fundados pela congregação feminina durante a segunda metade do século XIX fizeram com que Notre-Dame de Sion adquirisse, por mais de um século (1843-1961), a reputação de ser exclusivamente dedicada ao ensino. Em seu site a própria congregação confirma essa interpretação de sua história: "Nossa Congregação, fundada em 1843 pelo Padre Théodore Ratisbonne, se consagrou às tarefas educativas e de ensino até o Concílio Vaticano II, que a reorientou em direção à intuição primeira de seu fundador" (CONGRÉGATION DES RELIGIEUSES DE NOTRE-DAME DE SION, 2013).

Ocupado por suas tarefas de direção espiritual e suas viagens, Théodore "[...] não colocou em primeiro plano a finalidade principal de Sion, destinado unicamente à conversão de Israel [...]". Sua maior ambição

⁷ Na segunda metade do século XIX, Sion já possuía internatos e semi-internatos em Constantinopla (1856), Calcedônia (1863), Iassi (1866), Galatz (1867), Smyrne (1876), São José de Costa Rica (1879), Alexandria (1880), Tunis (1881), Trieste (1883), Rio de Janeiro (1888) e Petrópolis (1889) (XAVIER DE BRITO, 2010).

era, na verdade, "[...] abrir um colégio de meninos [...] israelitas [onde se pudesse fazer] o recrutamento progressivo de um grupo de missionários [...] inteiramente devotados à conversão dos judeus" (ARON, 1936, p. 86-87). Como se vê, na concepção da época, a tarefa de converter os judeus teria que ser realizada por homens. Por essa razão, não era importante que as irmãs se consagassem ao ensino, contribuindo para sustentar não apenas sua própria congregação, mas igualmente a congregação masculina (XAVIER DE BRITO, 2013). Os colégios tornaram-se tão essenciais para a congregação feminina que o ensino acabou se tornando o 'carisma' de fato da congregação, aquele pelo qual ela era conhecida por toda parte. Por exemplo, quando M. Étienne, superior dos irmãos missionários e das irmãs de São Vicente de Paulo⁸, decidiu reorientar sua congregação em direção a seu carisma original "[...] de evangelizar e cuidar dos mais pobres e dos marginais [...]", foi à Notre-Dame de Sion, "[...] uma congregação consagrada ao ensino [...]", que ele confiou as obras educativas das irmãs lazaristas (BENEDICTA, 1905, v. II, p. 33). Por seu lado, Théodore nunca se preocupou em realizar o trabalho de circunscrever Sion à esfera que lhe fora atribuída desde sua origem, ou seja, a seu carisma original. Ao contrário, ele previu desde o início a criação de internatos como possíveis lugares de colocação das neófitas. Ele procurou ainda justificar a expansão do ensino com o argumento de que a própria congregação romana da propagação da fé, à qual as irmãs de Sion eram subordinadas, já compreendia a necessidade de desenvolver os internatos antes de se consagrar à conversão dos judeus. Em 9 de novembro de 1856, o próprio Théodore escreveu à irmã Louise Weywada, superiora de Sion em Constantinopla: "Nós só poderemos trabalhar na obra de conversão dos judeus quando estivermos solidamente instalados em Constantinopla; e antes de criar o catecumenato, é preciso criar o internato" (BÉNÉDICTA, 1905, v. II, p. 40).

O próprio magistério da igreja chama a atenção para o fato de que qualquer obra realizada por uma congregação não é indiferente para o carisma:

Existe a tentação de abandonar as obras estáveis, genuína expressão do carisma do instituto, por outras que aparentemente são mais importantes e

⁸ As Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo foram fundadas em 1634 por São Vicente de Paulo e Louise de Marillac.

urgentes diante das necessidades sociais, mas que não são irrelevantes para a identidade do instituto (GRIESE, 2013).

Esse era o caso das atividades educativas para a congregação de Notre-Dame de Sion. Seu ramo feminino foi solidamente implantado na França e no mundo por meio de seus colégios e internatos, proporcionando a seus membros uma confortável posição financeira. Em fins do século XIX, Notre-Dame de Sion figurava entre as três primeiras congregações femininas com a maior renda *per capita* (LANGLOIS, 1984).

Na verdade, e por razões diferentes, ambos os ramos da congregação aderiram tardiamente a seu carisma. No caso da congregação feminina, esse período se estendeu de 1843, data de sua fundação, até o Concílio Vaticano II (1961-1965), quando elas foram estimuladas “[...] a que sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores bem como as sãs tradições, que constituem o património de cada Instituto” (VATICAN II, 1965).

Para esse concílio, o carisma congregacional foi precisamente um dos princípios da renovação em curso e um dos critérios mais seguros daquilo que cada instituto deveria empreender. Pode-se dizer que o sucesso na área educacional compeliu as irmãs a deixarem um pouco de lado, mas nunca totalmente, o carisma da congregação. Cumpre lembrar que o *status* das mulheres nessa época já determinava, por si só, um cerceamento das atividades fora de casa, o que contribuiu para que ocupassem, no decorrer dos anos, um papel secundário na prática do carisma. No entanto,

[...] são as irmãs de Sion que garantem amplamente a promoção da API⁹ e fazem dela um sucesso fulgurante nos meios cristãos. São elas que reúnem os católicos preocupados com a salvação dos judeus nos marcos de uma teologia da substituição e de uma grande caridade. São ainda elas que a tornam extremamente popular pela publicação dos *Échos de Notre-Dame de Sion*, o boletim da API, que a Irmã Théodorine enviava trimestralmente às boas almas que buscavam aí uma razão para rezar através dos relatos de conversão de judeus, como ela evoca numa carta dirigida a Raïssa Maritain, em 31 de agosto de 1926 (XAVIER DE BRITO, 2013).

⁹ *Association des Prières pour Israël*, conhecida no Brasil como Cruzada de orações pelo povo judeu.

Foi ainda madre Théodorine quem reclamaria insistentemente, durante o Décimo-Primeiro Capítulo Geral¹⁰, em 1925, a possibilidade de que as irmãs empreendessem uma ação direta aos judeus (GIRAUD, 1999), que foi mais uma vez negada às mulheres, e que, em 1937, acolheu as *Ancelles* como uma esperança para a congregação, como se verá abaixo.

Já a congregação masculina, fundada em 14 de dezembro de 1852, justamente para concretizar o apostolado direto da conversão dos judeus, manteve-se afastada do carisma até 1925. É certo que o ramo masculino de Sion encontrou inúmeras dificuldades para se desenvolver, a tal ponto que Théodore encarou por duas vezes a possibilidade de aceitar sua fusão com os agostinianos. A congregação masculina só começou efetivamente a se afirmar em 1886-1887, dois a três anos depois da morte de Théodore, quando da eleição dos padres Courtade e Ledrappier para superiores gerais, e a partir da fusão com os Clérigos de *Saint Sulpice*, quando foram dirigir o seminário menor de Issy-les-Moulineaux. As coisas começaram a mudar em 1925, quando do Oitavo Capítulo Geral¹¹, que elegeria o padre Théomir Devaux como superior geral. Esse capítulo pareceu reativar a ligação da congregação masculina com seu carisma: havia uma tentativa de tomar a direção da *Guild of Israel*, em Londres; procurava-se com urgência organizar a propaganda ativa em favor dos judeus em Jerusalém e orientar a casa da Tunísia para o apostolado de Israel. No entanto, foi a criação da revista *La question d'Israel*, em agosto de 1928, sob a pressão de personalidades católicas que se interessavam pelos judeus, como Jacques e Raïssa Maritain, que daria novo impulso à relação dos padres com o carisma congregacional.

O século XX e a Segunda Guerra Mundial

No início do século XX, a vaga antissemita declinou na França e assim permaneceu durante de 30 anos, sem nunca desaparecer totalmente. O antissemitismo teológico decaiu, mas diversos grupos de extrema direita, sobretudo a *Action Française*¹², continuaram irredutíveis. Uma nova vaga de antissemitismo ressurgiu após o Tratado de Versailles de 1919, agravada pela crise econômica de 1929, chegando a seu apogeu em

¹⁰ Realizado em Paris, de 6 a 28 de agosto de 1925.

¹¹ Realizado em Paris de 29 de julho a 4 de agosto de 1925.

¹² Movimento político nacionalista de extrema direita que existiu na França na primeira metade do século XX.

1934 (DELPECH, 1983), mas ela foi ardentemente combatida pelo papa Pio XI, pelos militantes da Ação Católica e por alguns intelectuais da época, como Karl Barth¹³, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier.

A Segunda Guerra Mundial aprofundaria o abismo entre judeus e cristãos. Estes últimos se dividiram: a grande maioria não tomou posição, alguns colaboraram com os nazistas, outros se opuseram a estes e buscaram proteger os judeus. Ambos os superiores das congregações masculina e feminina permaneceram neutros. Em 1937, as 474 religiosas da congregação de Sion que viviam na França¹⁴ começaram a compartilhar a angústia dos judeus que ali habitavam, aproximadamente 150.000, no entanto, a superiora geral da congregação feminina, irmã Amédée (1931-1950), "[...] era antes tradicionalista [...]" (COMTE, 2002, p. 105-107) e não tomou posição mesmo quando algumas religiosas de origem judaica, como irmã Gila, foram presas e deportadas. As Irmãs de Sion que se propunham a ajudar as vítimas de Hitler, como madre Francia, que buscava sobretudo salvar as crianças cujos pais foram deportados, teve que enfrentar as autoridades hierárquicas da congregação para fazê-lo. Nessa conjuntura, muitos judeus pediram para ser batizados na esperança de se livrar do massacre e alguns padres de Sion lhes forneceram falsos certificados de batismo. O batismo de crianças foi uma das questões importantes do caso Finaly, ocorrido em 1944, em Grenoble. Duas crianças, Robert e Gérald, filhos de judeus austríacos mortos em deportação, Anni e Fritz Finaly, foram recolhidos à creche municipal de Grenoble e confiados à sua diretora Antoinette Blum, por recomendação da superiora da filial local de Notre-Dame de Sion. Após a liberação, Antoinette Blum recusou-se a entregá-las aos familiares, tendo inclusive batizado as crianças em 1948. Ela contou com a cumplicidade de autoridades católicas para escondê-las. Uma decisão da justiça do dia 27 de junho de 1953 ordenou que os meninos deveriam ser devolvidos à sua família, incriminou e prendeu vários protagonistas do caso, inclusive duas religiosas de Sion. Frente à intensa emoção popular e às reações dos católicos esclarecidos, o cardeal Gerlier buscou negociar uma solução com o grão-rabino Kaplan, por intermediação de André Weil. Finalmente, por

¹³ Karl Barth teólogo e pastor protestante suíço, é uma importante personalidade da teologia cristã do século XX. Jacques Maritain e Emmanuel Mounier são filósofos católicos franceses.

¹⁴ 23% do efetivo total de 2.085 irmãs.

iniciativa de dois sacerdotes bascos, as crianças foram entregues à sua família (COMTE, 2001).

O início da participação das mulheres no apostolado direto

Em 1937, por ocasião de seu Décimo-Terceiro Capítulo Geral (Paris, 10-20 de agosto), a congregação feminina aceitou acolher um grupo de jovens selecionadas que haviam trabalhado no apostolado de conversão dos judeus com o monsenhor Barlassina, patriarca de Jerusalém. Essas jovens se dispunham a pronunciar os votos exigidos pela congregação, à condição de permanecer no mundo em roupas civis a fim de exercer um apostolado direto em meio judeu. Isso suscitou grande esperança em madre Théodorine, que sempre fora partidária da participação das irmãs no apostolado direto. Conhecidas nos meios onde atuavam como *Mademoiselles*, as *Ancelles*, como eram chamadas essas jovens, viviam fora dos conventos, vestiam-se civilmente e trabalhavam em obras sociais nos bairros israelitas. Mademoiselle Borromé, superintendente geral das Ancelles, e Mademoiselle Agnese criaram, a partir de 1938, no bairro judeu do Marais, um centro que acolhia crianças judias e as ajudava a fazer os deveres ou a organizar festas. Essas atividades lhes permitiram proteger mais eficazmente as crianças do Marais contra as perseguições nazistas. Madeleine Comte (2001) assinala a colaboração estreita que uma delas, *Mademoiselle Hue*, manteve com o padre Devaux e madre Francia na salvação de centenas de crianças judias.

Padre Devaux e a evolução do carisma de Sion no pós-guerra

Fundada nove anos mais tarde do que a congregação feminina e, inteiramente independente delas, a Sociedade dos Padres Missionários de Sion atravessou muitas vicissitudes antes de ser erigida em congregação, em julho de 1893, data de seu Primeiro Capítulo Geral. No entanto, como se viu, foi sob a direção do padre Théomir Devaux, de 1925 a 1937, que a congregação masculina se orientaria “[...] em direção ao cumprimento de sua missão especial na igreja, a saber, a organização de um apostolado capaz de apressar a conversão dos judeus ao cristianismo” (ROTA, 2009, p. 185). No período da Segunda Guerra Mundial, padre Devaux desenvolveu em território francês um verdadeiro apostolado com os judeus, chegando a “[...] empreender atos de heroísmo, ao tentar subtrair ao inimigo, adultos e crianças judias, oferecendo aos adultos certificados de batismo e escondendo as crianças” (ROTA, 2009, p. 5-6).

Após a liberação, em 1947, o padre Leroux¹⁵ lançou, com o padre Devaux, uma revista denominada *Cahiers Sioniens*, que se abria com a seguinte frase: ‘Que a lembrança de milhões de vítimas condicione, de agora em diante, as reflexões e os julgamentos daqueles que estudam os problemas que a condição dos judeus levanta em nosso planeta’ (LEROUX, 1947).

A partir de 1948, quem daria novo impulso à congregação masculina era o padre Paul Démann. Judeu convertido, Démann nasceu em Budapeste, em 1912, de uma família judia, foi batizado em 1934 e entrou para a congregação dos padres de Sion em 1937, em Louvain na Bélgica. Convencido de que a igreja possuía uma missão especial em relação a Israel, ele se fez artesão de uma nova abordagem católica com relação ao povo judeu (MARX; ROTA; CHARMET, 2006), desenvolveu uma teologia do ecumenismo e pregou o parentesco de fé entre judeus e cristãos. Hostil ao antisemitismo, o padre Démann afastou-se resolutamente da linha conversionista, sustentada pelo padre Devaux, sobretudo ao retomar a direção dos *Cahiers Sioniens*, em 1948. Seu objetivo era construir um apostolado mais intelectual, desligado de qualquer perspectiva missionária, em que as fundações teológicas das relações entre a igreja e Israel fossem repensadas, na luta contra o antisemitismo.

É preciso agradecer ao nazismo por ter colocado a nu as bases secretas de todo antisemitismo, de ter intimamente associado no seu ódio Israel e a Igreja e de ter assim revelado a todos o caráter especialmente anticristão do antisemitismo (DÉMANN, 1948, p. 195).

Durante 20 anos, ele defendeu que a relação entre judeus e cristãos deveria se orientar pela busca de uma compreensão mútua, ‘na perspectiva da unidade da Igreja’ (ISAAC, 1955). Infelizmente, os padres de Sion foram incapazes de aceitar essa profunda transformação do carisma congregacional. Apesar de ser considerado um dos mais eminentes intelectuais católicos da causa judia, tendo participado da Conferência de Seelisberg¹⁶, o principal combate que Paul Démann teve que enfrentar foi

¹⁵ Antigo aluno do seminário de Issy, formado em teologia por Louvain, ele trabalhara como enfermeiro durante a guerra.

¹⁶ Conferência internacional extraordinária que reuniu judeus, católicos, ortodoxos gregos e protestantes na cidade de Seelisberg, na Suíça, de 30 de julho a 5 de

antes de tudo dentro de sua própria congregação, ainda impregnada das ideias do período entre guerras sobre o apostolado aos judeus. O padre Démann não foi apenas combatido intelectualmente, ele chegou a ser vilipendiado por seus próprios irmãos. Ele contaria, no entanto, com um aliado inesperado, na figura da superiora geral das Irmãs de Sion, irmã Marie Félix III, cuja ação inaugurou a ‘guinada teológica’ da congregação feminina. No entanto, as incompreensões, oposições e agressões que teve que enfrentar fizeram com que Paul Démann deixasse a congregação em março de 1963.

O carisma de Sion após o Concílio Vaticano II

A congregação feminina contava com uma nova geração de mulheres que "[...] tinham exercido um papel ativo na Resistência [...] e que se mostrava insatisfeita com os objetivos imprecisos, o estilo arcaico de vida [...]" (KLEIN, [s.d.], p. 10) e a consagração exclusiva das irmãs à educação de jovens das classes privilegiadas. Isso levou a uma evolução das mulheres no que se referia à sua relação com o carisma congregacional, na qual há que se ressaltar a ação da irmã Marie Felix III, estimulada por Démann. Numa carta circular, enviada aos membros da congregação feminina e datada de 1961, a superiora convidou as irmãs a se dedicar mais ao carisma, ainda que isso significasse "[...] uma completa alteração de seu estilo de vida" (KLEIN, [s.d.], p. 10). Outra carta, datada de setembro de 1962, incitava-as a exercer um papel mais ativo na sociedade, a ler mais e a cursar estudos especializados em teologia e judaísmo (XAVIER DE BRITO, 2013). Mas o trabalho da congregação feminina realmente apareceria na preparação de uma declaração conciliar que "[...] fundasse uma nova visão do judaísmo, condenando todas as formas de antissemitismo e discriminação, através da compreensão recíproca e da estima mútua renovada" (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOTRE-DAME DE SION, [s.d.]). Inspiradas nas proposições de Paul Démann, as irmãs buscavam entrar em contato com os bispos presentes ao concílio, para conseguir apoio às suas ideias. A declaração *Nostra Aetate*, publicada em 2 de agosto de 1965, não retém todas as ideias desse grupo, mas é, mesmo assim, um avanço significativo na compreensão da relação entre as religiões monoteístas, sobretudo entre cristãos e judeus.

agosto de 1947 para estudar as causas do antissemitismo cristão e combater os preconceitos antissemitas. Ela resultou nos 10 pontos de Seelisberg,

Considerações finais

Este artigo procurou demonstrar que as relações entre os dois ramos da congregação de Notre-Dame de Sion com os judeus atravessaram três grandes momentos:

- Inicialmente, ambos os ramos adotaram um apostolado orientado por uma acentuada linha filo-semita e conversionista, derivado do carisma tal como ele foi definido pelo fundador no século XIX. Para os padres, essa linha perdurou até 1925, quando foi levemente alterada pelo padre Théomir Devaux, superior geral, sem perder suas conotações conversionistas. Ele lembraria aos membros da congregação sua missão específica, ou seja, a organização de um apostolado capaz de apressar a conversão dos judeus ao cristianismo (CONGRÉGATION DES PÈRES DE NOTRE DAME DE SION, 1931). As irmãs se mostraram ativas na realização de seu papel secundário, por meio do trabalho da difusão da API, mas se consagraram, sobretudo, ao ensino das classes abastadas.
- Após a Segunda Guerra Mundial, sob a orientação do padre Paul Démann, a missão específica da congregação se afastou da linha conversionista e assumiu uma perspectiva ecumênica. Ele buscou orientá-la no sentido de desenvolver um apostolado mais intelectual, radicalmente desengajado de toda perspectiva missionária. Segundo ele, Sion deveria pensar sua missão em relação a Israel em termos de estima e de reconciliação.
- A partir do Concílio Vaticano II, a relação do ramo feminino da congregação com os judeus decididamente se inscreveria em uma dimensão de estima e na busca de um conhecimento recíproco, por meio do diálogo e do respeito às respectivas convicções religiosas. Reatando com o espírito do carisma do fundador, as atuais constituições da congregação feminina rezam que as irmãs de Sion ‘devem dar testemunho durante toda a vida da fidelidade do amor de Deus pelo povo de Israel’ (Irmã Irene). O ramo masculino da congregação teve que esperar até o Décimo-Quinto Capítulo Geral, em 1970, para reconhecer plenamente as implicações teológicas e apostólicas da atitude de estima preconizada por Paul Démann para a relação judaico-cristã.

Assim, pode-se concluir que a evolução histórica do carisma de Sion percorreu praticamente dois séculos com significados diferentes, pois, se nos meados do século XIX o carisma dedicou-se à evangelização dos judeus, já no século XX passaria a promover a compreensão e justiça em relação à comunidade judaica, compreensão essa mais ou menos politizada segundo o contexto, em particular durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir das orientações da Declaração Conciliar ‘Sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs’ (*Nostra Aetate*, n. 4. de 28/10/1965), o estudo e conhecimento sobre o judaísmo direcionariam o carisma para o diálogo, a estima e a melhor convivência entre as religiões (CONGRÉGATION DES RELIGIEUSES DE NOTRE-DAME DE SION, 1977).

O discurso do papa Francisco de 13 de fevereiro de 2014 sublinha essa orientação: *‘No próximo ano comemoraremos o quinquagésimo aniversário da Declaração do Concílio Vaticano II, Nostra Aetate, que significa para Igreja, o ponto de referência sobre nossas relações com nossos ‘irmãos mais velhos’. É a partir desse documento que nossa reflexão sobre o patrimônio espiritual nos une e reveste nosso diálogo com novo vigor’*.

Referências

ARON, M. *Prêtres et religieuses de Sion*. Paris: Bernard Grasset, 1936. (Coll. Les grands ordres monastiques et instituts religieux).

BÉNÉDICTA (N.D.S.). *Le Très Révérend Père Marie-Théodore Ratisbonne (1802-1884)*. Fondateur de la Société des Prêtres de la Congrégation de Notre-Dame de Sion d'après sa correspondance et des documents contemporains. Paris: Librairie Veuve Ch. Poussielgue, 1905. 2 v.

COLOMBO, M. A. C. *Sion, da Belle Époque aos nossos dias*. São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013.

COMTE, M. *Sauvetages et baptêmes*. Les religieuses de Notre Dame de Sion face à la persécution des Juifs en France (1940-1944). Paris: L'Harmattan, 2001.

COMTE, M. De la conversion à la rencontre. Les religieuses de Notre-Dame de Sion (1843-1986). *Archives Juives*, n. 35, p. 102-119, jan. 2002. Dossier Se convertir.

CONGRÉGATION DES RELIGIEUSES DE NOTRE-DAME DE SION. Comissão do Ecumenismo e Diálogo Interreligiosos da Arquidiocese de São Paulo (CEDRA). *Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo*. Documentação Básica. São Paulo: Loyolas, 1977.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOTRE-DAME DE SION. *Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo*. Documentação básica. [S.l.]: Sion/CEDRA, [s.d.].

CONGRÉGATION DES PÈRES DE NOTRE DAME DE SION. *Neuvième chapitre général*. Issy-les-Moulineaux, le 2 août 1931. [S.l.]: Archives informatisés de la Congrégation des Pères de Sion, 1931.

CONSTITUIÇÕES E NORMAS DE APLICAÇÃO, n. 2. *Inspiração da Congregação*. Congregação Nossa Senhora de Sion. Roma: Tipografia Don Bosco, 1984.

DELPECH, F. *Sur les Juifs*. Études d'histoire contemporaine. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 1983.

DÉMANN, P. Antissémitisme et conscience chrétienne. *Cahiers Sioniens*, n. 3, 1948.

DEVAUX, T. (N.D.S.). *Cartas circulares de 6 de julho e de 8 de dezembro de 1925*. [S.l.]: Arquivos informatizados dos Padres de Sion, 2009.

GIRAUD, A. T. (N.D.S.). *Histoire des Chapitres Généraux*. Lyon: Atelier audiovisuel de Notre-Dame de Sion, nov. 1999.

ISAAC, J. Conférence prononcée pendant les Rencontres de l'Amitié Judéo-Chrétienne. Paris, les 10-11 décembre 1955.

KLEIN, C. (N.D.S.). *Da conversão ao diálogo*. As Irmãs de Sion e os judeus. Um paradigma das relações católicas-judaicas. [S.l.]: Arquivos informatizados dos Padres de Sion, [s.d.]. Mimeografado.

LANGLOIS, C. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle. Paris : Editions du Cerf, 1984.

LEROUX, M. (N.D.S.). Aos nossos leitores. *Cahiers Sioniens*, n. 1, maio 1947.

LUZ, E. 'O eterno judeu'. Antissemitismo e antibolchevismo nos cartazes de propaganda política nacional-socialista 1919-1945. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MARIE CARMELLE (N.D.S.). Introdução geral. In: RAETISBONNE, T. (Org.). *Correspondência e documentos 1840-1853*. São Paulo: Gráfica das Escolas Salesianas, 1977. v. 2. (Coleção Origens de Sion).

MARX, P. ; ROTA, O.; CHARMET, B. Paul Démann: artisan d'une nouvelle approche catholique du peuple juif dans le second après-guerre. *Sens*, n. 2, p. 67-76, 2006.

MONDESERT, C. S. J. *Les religieuses de Notre Dame de Sion*. Lyon: M. Lescuyer et Fils., 1956.

QUEIROZ, C. Depoimento. *Echos de Sion*, n. 6, ano I, 1934.

RATISBONNE, T. *Evocações*. São Paulo: Vozes, 1977. v. 1. (Coleção Origens de Sion).

ROCCA, G. *Il carisma del fondatore*. Milano: Ancora, 1998.

ROMANO, A. Carisma. In: DICCIONARIO teológico de la vida consagrada. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2000. p. 151.

ROTA, O. Les Pères de Sion. Une vocation spécifique assumée avec difficulté (1925-1970). *Sens*, n. 2, p. 184-196, mars 2009.

SICARI, A. M. *Gli antichi carismi nella Chiesa*. Per una nuova collocazione. Milano: Jaca Book, 2002.

XAVIER DE BRITO, A. *L'influence française dans la socialisation des élites féminines brésiliennes*. Le collège Notre Dame de Sion à Rio de Janeiro. Paris: L'Harmattan, 2010.

XAVIER DE BRITO, A. Superioridade masculina e subordinação feminina no seio da Igreja católica. As congregações de Notre-Dame de

Sion. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CONGREGAÇÕES CATÓLICAS, EDUCAÇÃO E ESTADO NACIONAL, 1., 2013, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2013.

Sites Internet

CONGRÉGATION DES RELIGIEUSES DE NOTRE-DAME DE SION. *Paroisse d'Évry*. Disponível em: <<http://evry.catholique.fr/Notre-Dame-de-Sion>>. Acesso em: 16 set. 2013.

DRACH, D. P. *Lettre d'un rabbin converti aux israélites ses frères sur les motifs de sa conversion*. Paris: Imprimerie de Beaucé-Rusand, 1825. Disponível em : <<http://catalog.hathitrust.org/Record/009717009>>. Acesso em: 15 set. 2013. Também publicado em edição de bolso nos Estados Unidos por Nabu Press em 2012.

GRIESE, G. S. *O que é o carisma?* Disponível em: <<http://es.catholic.net/religiosas/316/3079/articulo.php?id=40504>>. Acesso em : 7 out. 2013.

PAPA FRANCISCO. Cristãos e judeus chamados a cooperar para um mundo mais justo. Roma, 13 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.sion.org/index.php/rerelations-j-jalons/566-pour-un-monde-plus-juste>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

VATICANO. Sagrada Congregação para os religiosos e os institutos seculares. Congregação para os bispos *Mutuae relationes*. 14 maio 1978. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20021999_formation_fr.html>. Acesso em: 9 out. 2013.

VATICAN II. Concílio. Declaração *Nostra Aetate*. Rome, le 2 août 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/ts/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_fr.html>. Acesso em: 15 set. 2013.

VATICAN II. Concílio. Declaração *Perfectae caritate*. Rome, le 28 octobre 1965. Disponível em:

A relação da congregação de Notre Dame de Sion com seu carisma:
do antissemitismo teológico a uma relação de estima e respeito para com os judeus

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_fr.html>. Acesso em: 8 out. 2013.

Endereço para correspondência:

Maria Alzira da Cruz COLOMBO

Colégio Nossa Senhora de Sion. Grupo de Estudos em História da Educação e
Religião (FE-USP) - São Paulo - SP
E-mail: maria.alzira@gmail.com

Submetido em: 22/11/2013

Aprovado em: 26/03/2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
--